



Silvana Leporace

A necessidade de um posicionamento

Não existe emoção maior na vida do que acompanharmos o crescimento e desenvolvimento dos nossos filhos. Cada conquista é comemorada, cada frustração é compartilhada, e o sofrimento é conjunto. Mas chega um momento em que eles pedem e muitas vezes exigem, verbal ou subliminarmente, para que nos afastemos e deixemos que eles resolvam sozinhos as situações, especialmente as que julgam mais interessantes. Eles estão na passagem da infância para a idade adulta, durante a qual construirão sua identidade e seu projeto de vida. Em uma palavra, a adolescência.

Os adolescentes são muito diferentes uns dos outros, pela sua história de vida e por suas características individuais. Mas eles têm uma trajetória em comum, que resvala em todas as transformações físicas, e precisam adaptar-se a uma nova e própria identidade, o que gera insegurança. Assim, eles procuram formas, as mais diversas possíveis, de mostrar que cresceram. O jovem, muitas vezes, quer autonomia, a tão sonhada independência, mas também quer proteção, quer sentir que os pais, os adultos, estarão sempre dando cobertura.

Nós, pais, viveremos um processo intenso de mudanças nos nossos papéis. Deixaremos de ser tão admirados. A identidade pessoal do filho, antes definida pelos valores da família, agora poderá ser ditada pelo grupo de amigos. Ele necessita dessa aproximação com os pares. Esse fato pode assustar um pouco os pais, que perderão o poder de decisão.

Porém, com todas essas mudanças, o que não podemos nos esquecer é do nosso papel de pai e de mãe.

Nossos filhos procuram em nós a segurança. Somos as pessoas que nortearão as ações, sabendo colocar limites e mostrando que não seremos tratados como seus “amiguinhos”. Precisamos reafirmar a todo instante nossos valores e não temer entrar em

conflito com os adolescentes. O que os deixa angustiados é justamente a indiferença.

Não podemos nos omitir nas situações com as quais não concordamos; ao contrário, precisamos antecipar os resultados de atos inconseqüentes que podem acarretar sérios problemas e chances de arrependimento. E não podemos desistir quando eles repetem: “De novo! Eu já sei tudo isso! Não precisa falar mais!”. Somos adultos, temos essa missão.

“ Precisamos reafirmar a todo instante nossos valores e não temer entrar em conflito com os adolescentes. O que os deixa angustiados é justamente a indiferença.”

Que eles irão transgredir regras ou tentar questionar os limites é fato, mas a nossa posição é sempre importante. Dizer que eles podem resolver tudo da maneira que eles querem, porque eles precisam escolher o próprio caminho, é uma forma cômoda de abster-se da responsabilidade diante de situações importantes de uma vida que ainda está em transformação.

Claro que o diálogo é a forma mais importante para argumentar e mostrar caminhos produtivos. Dá muito trabalho e muitas vezes não conseguimos mobilizá-los para determinada ação. Educar é uma tarefa que requer fôlego e muita energia, e não podemos desistir nos primeiros obstáculos.

Vale lembrar que isso não se conquista de um dia para o outro, mas sim com anos de convivência, de participação (e não controle total) e de apoio nos fracassos, dando a certeza de que, quando precisarem, estaremos ao lado deles, mesmo que não concordemos sempre com as soluções por eles propostas.

A adolescência, enfim, é um período de aprendizagem e de experimentações intensas. É um momento rico no desenvolvimento e na vida das pessoas. O jovem aumenta seu vínculo com a realidade. É desejável que essas vivências ocorram para que se tornem adultos independentes, auto-suficientes e responsáveis para exercer o seu papel na sociedade de forma produtiva.

Silvana Leporace é coordenadora do Serviço de Orientação Educacional do Colégio Dante Alighieri